

CABELOS E CABEÇAS: ARTICULAÇÃO ENTRE ESTÉTICA, TRAJETÓRIAS DE VIDA E POLÍTICA ENTRE MULHERES NEGRAS.

Cristiano Sobroza Monteiro
(Universidade Federal de Santa Maria RS)

Este painel é resultado de pesquisa antropológica realizada nos meses de outubro e novembro de 2007, tendo como público-alvo mulheres negras que trabalham como catadoras de materiais recicláveis, na cidade de Santa Maria - RS. O método etnográfico utilizado procurou aproximar-se do projeto “Catando Cidadania” da prefeitura local, que por meio de um órgão cultural, desenvolve atividades com mulheres integrantes daquele projeto; especificamente, a pesquisa teve como foco algumas mulheres negras que foram convidadas para participar de uma exposição fotográfica, tendo como objetivo “mostrar” a diversidade de penteados e a arte em cabelos afro. Para isso elas foram levadas a um salão de beleza onde tiveram seus cabelos transformados a fim de mostrá-los na exposição. Objetivou-se, nesta pesquisa, captar e compreender as narrativas que se estabeleciam durante o processo de transformação dos cabelos daquelas mulheres, suas histórias e experiências de vida que se cruzavam com assuntos relacionados à beleza e o cuidado ao corpo.

Metodologia: a metodologia utilizada na pesquisa foi a etnográfica, visto que essa abordagem se refere “ao estudo do modo como os indivíduos constroem as suas vidas cotidianas”. (Bogdan & Biklen, 1994, p.60).

Resultados: Pode-se dizer, primeiramente, que os “salões de beleza são espaços em que circulam saberes, experiências e discursos sobre a manipulação do cabelo e cuidado com a aparência” (Lucinda, 2004, p.07). A cabeleireira responsável pela atividade ressaltava seguidamente o cuidado exigido pelo cabelo afro, questionada se o alisamento descaracterizava o cabelo ela afirma: “Não... ela pode deixar o cabelo mais liso, mas ela continua tendo o cabelo crespo, igual à Thaís Araújo. Não vai deixar de ter cabelo de negro. Até por causa da questão da pele mesmo né? (...) Cabelo negro tem que ter um cuidado na parte química, o resto é normal. Às vezes chegam mulheres com cada cabelo aqui, só que eu não posso fazer muita coisa, porque o cabelo está todo destruído, o cabelo negro é muito bonito, não gosto de cuidar de outros tipos de cabelo”.

Os salões de beleza representam também, espaços que transcendem as dimensões da questão estética e do cuidado com o corpo. Durante algumas sessões as mulheres trocavam suas histórias e experiências de vida em assuntos que partiam do cuidado com o cabelo e iam a relacionamentos familiares e preconceito racial sofrido nas ruas da cidade.

Como se observa no comentário de uma senhora: “assim as pessoas tratam a gente assim como umas fedorenta (...) Na rua as pessoas dão risada da minha cara, olham e dizem: olha ali que gordura(...) Sabe, a gente é bastante discriminado na rua. Eu tenho até vergonha de sair na rua às vezes, até aqui eu fiquei com vergonha de vir sabe, porque a gente tem medo de sentar numa cadeira, assim a gente fica naquela...”.

Ainda cabe ressaltar o caráter político e conscientizador proporcionado pela atividade. A cabeleireira sempre foi atuante em movimentos sociais e atividades culturais da cidade, principalmente com pessoas negras como ela. Muito mais do que fazer cabelos, ela tinha a pretensão de fazer as mulheres repensarem suas condições sociais, observando-se uma “aproximação no nível do discurso, de idéias, categorias e conceitos correntes no domínio da militância” (Lucinda, 2004, p. 40), expressa na idéia de “simplesmente não fazer cabelos, mas fazer cabeças”.

A importância da atividade para as mulheres pode ser compreendida de duas formas. Uma relacionada à auto-estima, conforme o relato de uma das mulheres: “a auto-estima tem muita necessidade, essas atividades são sempre importantes para nós, é muito bom, é uma terapia, pra auto-estima isso é uma melhora grande, parece assim que alguém passa pelo que a gente passa assim esse preconceito, é freqüente os catadores que melhora bastante.”

A outra à visibilidade social: “eu acho assim que nós tinha que ter mais oportunidades para as pessoas participarem em grupo também, serem mais enxergadas, tu vê antigamente não tinha isso, agora com esse pessoal nos vendo em vários lugares, eles vão trazendo mais pessoas pra nos olhar, pra nos enxergar, pra dizer assim, olha vocês estão felizes. Então é uma auto-estima incrível.”

Conclusão: A atividade proporcionou às mulheres, a partir de uma transformação no cabelo, reflexões acerca de seus lugares na sociedade, do que é ser mulher, negra e catadora. Neste sentido, observou-se que esta atividade desempenhou um papel social relevante, pois além de dar uma maior visibilidade social faz com que elas saibam enfrentar melhor os estigmas e preconceitos sociais a que estão submetidas.

Bibliografia:

GOMES, N. L. (2002a). Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?, in: Revista Brasileira de Educação. N.º 21, pp. 40-50. ANPED: Editores Associados

LUCINDA, M. C., Subjetividades e fronteiras: uma antropologia da manipulação da aparência. RJ. Museus Nacional (dissertação de mestrado), 2004.

BOGDAN & BIKLEN. Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto editora. Coleção Ciências da educação. Porto – Portugal, 1994.